

Revolução popular

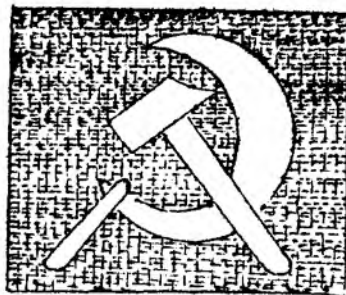
7

Proletários de todos os países e povos oprimidos, uni-vos

Tem sido uma preocupação nossa, constante, a de criticar a linha de unidade antifascista, principalmente no que respeita aos reformistas portugueses, que de há vinte anos a esta parte, tendem a manter o movimento revolucionário amarrado a concepções unitárias que significam simplesmente o controle por parte da burguesia liberal desse mesmo movimento e a entrega consciente da condução da luta antifascista a concepções reformistas que procuram "modernizar" o capitalismo português, "democratizá-lo", em detrimento das verdadeiras tarefas que incumbem a um partido proletário.

Esta crítica, feita desde o nosso aparecimento na vida política portuguesa como força organizada, os maiores ódios e calúnias por parte de vários sectores da oposição portuguesa, não sofrendo até hoje qualquer análise séria; qualquer crítica científica e provocando apenas reacções sentimentais, inco patíveis com uma análise marxista da

orgão do



COMITE MARKISTA LENINISTA

PORTUGUÊS

DECLARAÇÃO DO COMITÉ MARXISTA - LENINISTA:

Nota- A publicação desta declaração só agora é possível devido às dificuldades compreensíveis em obter esclarecimentos pormenorizados acerca do comportamento dos militantes perante a polícia.

A ofensiva policial desencadeada nos últimos meses de 1965 e começos de 1966, destinava-se a esmagar a actividade dos marxistas-leninistas e da FAP, cujos começos de actividade se revelavam perigosos para o fascismo e punham em causa as bases ditadura da burguesia. Nada mais natural a violência das forças repressivas.

Para além dos erros de organização que foram cometidos, os militantes que caíram nas prisões tinham obrigações especiais perante a luta revolucionária e perante o povo português. A aplicação de uma linha revolucionária obriga a todos os sacrifícios.

O comportamento exemplar de João Pulido Valente, membro do secretariado do CMLP também da FAP veio comprovar o sentido de responsabilidade deste dirigente, que se recusou a prestar qualquer declaração ao inimigo. Acerca de outros militantes também presos, não possui este Comité informações suficientes que lhe permita um julgamento perfeito acerca do seu comportamento.

O passado e as pesadas responsabilidades de Francisco Martins Rodrigues (Campos), antigo membro do Comité Central do PCP (revisionista), um dos fundadores da FAP e do Comité Marxista-Leninista, que dera uma contribuição notável à elaboração de uma linha revolucionária em Portugal e que por isso as-

(continua na pág. 56)

EDITORIAL

(cont. da pag. 1)

luta de classes, do partido do proletariado, da tomada do poder, da definição das etapas, etc. É decerto um enorme a trazo a falta de tradição marxista no nosso país que permite que as maiores banalidades, os maiores lugares comuns circulem como programas, como palavras de ordem, como linhas, como estratégias. A maior vítima desta situação tem sido precisamente a vanguarda do proletariado que, depois de ter forjado a sua arma política, o seu partido comunista, no meio de sacrifícios e sofrimentos sem conta, assiste hoje à sua lenta decomposição, como partido marxista, desistindo da tomada do poder e transformando-se num partido de reformas, em busca de acordos com a burguesia liberal. Por muito dolorosa que possa parecer esta afirmação, uma crítica marxista-leninista não pode ignorar este facto capital da luta revolucionária do povo português: o antigo Partido Comunista deixou de sê-lo; a partir do momento em que os princípios marxistas-leninistas foram abandonados, a revolução portuguesa fica entregue a todas as aventuras, ao controle da burguesia liberal auxiliada pelos reformistas e por todos os que procuram a conciliação das classes e que, desinteressados da ditadura do proletariado (por qualquer razão dizia Lenine que era esta a pedra de toque para distinguir um marxista de um não marxista...) colaboram no prolongamento da ditadura burguesa, para além do regime fascista, sob forma "democrática".

O que é um partido marxista

Como marxistas-leninistas, consideramos que várias condições têm de por-se para se poder avançar verdadeiramente para o socialismo e que um partido terá de definir claramente.

Em primeiro lugar, tem de definir a etapa da revolução, determinar o nível das relações de produção, da luta de classes, determinar os interesses de cada uma delas, o seu peso na sociedade, a acumulação da experiência de luta do proletariado, quais as classes aliadas do proletariado, quais as neutras, etc.

Definida a etapa da revolução, o verdadeiro partido do proletariado, seja qual for a etapa, seja qual for a força numérica, tem de procurar dirigi-la, porque, em tomando o poder, numa determinada etapa, as massas populares têm a garantia de que ele e só ele fará a revolução socialista e que se o poder for tomado por um partido burguês, mesmo liberal, este irá seguir um processo capitalista, irá percorrer todas as etapas da revolução capitalista, até ao monopólio, até à forma monopolista do Estado. Quer isto dizer que mesmo numa etapa de transição para o capitalismo, o partido marxista deve por o problema da conquista do poder, por incipiente que seja o proletariado desse país, mesmo que tenha ainda várias etapas a percorrer até chegar ao socialismo.

O facto do partido do proletariado conduzir a luta revolucionária das massas populares significa automaticamente a sua inteira independência, isto é, a obrigatoriedade de não entrar em compromissos ou acordos que alterem ou anulem pontos do seu programa, a obrigatoriedade de expor claramente aos militantes e às massas os seus objectivos, a sua linha; o partido do proletariado, em qualquer circunstância que seja, não pode renunciar a nada do que define como partido do proletariado. Não pode ocultar por exemplo o problema da tomada do poder, não pode estabelecer alianças ou acordos em que sacrifique os seus objectivos, sob pena de trair a revolução e de servir interesses contrários aos do proletariado. Esta independência só pode manter-se através da fidelidade aos princípios do marxismo-leninismo.

O problema das alianças

Cabe perguntar: como pode o partido do proletariado, que pretende fazer a revolução socialista, depois de definir a etapa da revolução, e conservando toda a sua independência política, o que significa não renunciar ao seu programa revolucionário, fazer alianças, arrastar para o seu lado massas da população alheias ainda às ideias do socialismo, hostis mesmo, muitas vezes, por que razão pretende ele que é possível aliar-se a classes que pretendem caminhar para o capitalismo nada ca-

dendo em troca? Não compreenderá nada do marxismo, quem supuser que a classe operária, pode em qualquer altura, aliar-se com classes burguesas; estas alianças variam conforme o nível da luta de classes, conforme portanto o peso, os interesses e as contradições entre as classes em luta. A aliança operário-camponesa por exemplo significa a aliança do proletário com classes do campo, proprietárias de terra, exploradoras ou não. Mas o termo "campesinato", não significa o mesmo em cada fase do desenvolvimento económico; assim quando se inicia a destruição do feudalismo, quando os camponeses pretendem romper a estrutura proprietária feudal, os seus interesses em bloco permitem aliar-se ao proletariado. Mas, quando se inicia o desenvolvimento do capitalismo nos campos, a competição entre os diferentes proprietários provoca a estratificação de várias classes de interesses antagónicos, já a aliança do proletariado não se pode fazer com o "campesinato" em bloco pois nele se destacaram entretanto proprietários e exploradores com o quais o partido do proletariado não pode contar e que por sua vez exploram e oprimem as massas trabalhadoras do campo.

Assim tem de se saber determinar, para cada etapa, qual a classe, mesmo com interesses próprios, que necessita, para os seus próprios fins egoístas, de aliar-se com o proletariado. Porque o problema das alianças não pode ver-se de uma maneira simplista e unilateral: tem de se entrar em linha de conta que se o proletariado, que pretende ir para o socialismo, se alia por exemplo com os camponeses pobres, a aliança não funciona apenas porque ambos sejam oprimidos por classes comuns exploradoras, mas porque os camponeses pobres, para defenderem os seus interesses, para conseguirem os seus próprios objectivos, necessitam de se apoiar no proletariado, com a intenção de o puderem utilizar em seu proveito, pois são uma classe proprietária, oprimida, por vezes obrigada a vender em certas alturas do ano a sua força de trabalho, mas que pretende passar de semi-proletária a burguesa, a exploradora portanto, a crescer numa direcção capitalista.

Por exemplo: na Rússia anterior à revolução bolchevique, os bolcheviques apoiavam a luta dos camponeses contra a propriedade feudal e as relações de produção feudais e ao mesmo tempo a luta dos proletários agrícolas contra os proprietários exploradores.

Porque motivo se fazem então as alianças, qual o mecanismo que as torna possíveis? Na luta de classes que se desenvolve numa sociedade, as classes médio e pequeno burguesas são decerto oprimidas pela grande burguesia; elas pretendem acabar com semelhante opressão, que as impede de desenvolverem-se plenamente como classes burguesas, que as impede, respectivamente, de se transformarem em grande e média burguesia, de controlarem por sua conta o desenvolvimento do capitalismo. A utopia da "unidade" consiste exactamente em supor que são possíveis acordos, numa base equitativa, entre partidário do socialismo e partidários do capitalismo, pois essas classes burguesas, por oprimidas que estejam, gravitam na órbita, encontram-se mais próximas dos interesses capitalistas, que são também os seus, da grande burguesia. Como a grande burguesia tem uma muito maior participação no poder económico e político, a sua organização de classe impede que as outras camadas burguesas, que com ela têm conflitos, possam competir ou disputar-lhe o poder num pé de igualdade. O aumento das contradições no seio da burguesia, obriga as classes burguesas que se opõem à grande burguesia a procurarem uma força que não têm e esta força só se encontra proletariado e nas massas populares do campo e das cidades, que elas procuram por isso controlar e colocar ao seu serviço, como força de choque, contra a grande burguesia, que domina por sua vez o aparelho estatal e grande parte do aparelho repressivo. É necessita controlar, para que o proletariado não siga uma linha independente que poderia vir a significar a destruição de toda a ditadura burguesa e não só a ditadura da grande burguesia e do capital monopolista. Por isso, quando é a média burguesia liberal a conduzir o movimento popular e desde que o partido do proletariado desista de revolução, da tomada do poder e da condução das massas populares, as alianças e a "unidade" são possíveis, pois a média

burguesia nada cede, ou cede só em aparência, e o briga as massas a desistirem da conquista do poder. A "unidade" preconizada preconizada pelo PC revisionista de A. Cunha é portanto uma cedência total porque a média burguesia procura utilizar em seu proveito a energia revolucionária do proletariado e das massas populares.

Como deve encarar-se a viabilidade duma aliança entre um partido do proletariado e os partidos democrático-burgueses, sem que o partido marxista-leninista nada ceda das suas posições, não desista do seu programa comunista, da tomada do poder? À primeira vista, pareceria impossível assistir ao suicídio duma classe burguesa, vê-la em regime de ditadura burguesa, consentir em desaparecer como classe, colaborar na sua própria destruição. Neste pequeno pormenor não atentam os reformistas modernos que tanto defendem a passagem pacífica para o socialismo e a viabilidade da unidade com a burguesia. No desenvolvimento da luta de classes, quando o partido do proletariado se organiza para o assalto ao poder, quando tem a sua organização armada, quando aplica toda a energia de classes e mobiliza atrás de si as massas populares, isto significa que se propõe não só modificar o aparelho de Estado, mas destruí-lo, construir outro em seu proveito, para poder avançar para o socialismo; a intensificação da luta de classes que vai levar o proletariado ao poder significa que este começa a ser capaz de derrubar a grande burguesia, que começa a tornar-se mais forte, pelo que as classes burguesas, de duas, uma: ou consentem na sua própria destruição e portanto na destruição de toda a burguesia, ou, incapazes de tomarem uma atitude independente e de dirigirem em seu proveito a luta contra a grande burguesia, aliam-se ao proletariado, primeiro, por, imediatamente, este as libertar da opressão da grande burguesia e resolver as suas contradicções imediatas, segundo, o que é importante, porque aliando-se-lhes elas esperam vir a impedir a sua própria destruição futura, dando tenciona-rem aproveitar-se do poder que participem com o

para poder vir a controlá-lo e a desviar a revolução para uma via capitalista. Este raciocínio tem a sua base no facto de que no instante imediatamente a seguir à revolução, o proletariado encontra-se mais fraco que a burguesia, durante muito tempo, dado ter de lutar em desvantagem, ao impor as relações de produção socialistas, contra as relações de produção capitalistas, a ideologia e a estrutura burguesas, que continuam a existir.

Compreende-se por isso porque atacamos a linha de "unidade" (hoje baptizada "revolução democrática e nacional") que preten e atrelar os interesses do proletariado aos da burguesia média liberal. Não iremos repetir aqui os argumentos por nós já repetidas vezes apresentados e não rebatidos até hoje por qualquer força oposicionista portuguesa. Queremos salientar apenas que, se na fase actual é difícil que as classes burguesas não-monopolistas cheguem a acordos e alianças com o proletariado, desde que este possua um verdadeiro partido marxista e nada ceda quanto aos seus objectivos, para se conseguir a famosa "unidade" isso só pode passar pela desistência do proletariado do proletariado em tomar o poder, o que o PC revisionista abertamente faz, quando não coloca os problemas da tomada do poder, ao desistir de dirigir a revolução, ao não querer armar os seus militantes, etc.

O MAR e a unidade com a burguesia

Que pode portanto significar uma critica ao problema da "unidade", tal como foi ultimamente feita num artigo de "Acção Revolucionária" (nº 8), boletim do exterior do MAR (Movimento de Acção Revolucionária)? Em que medida pode esta critica corresponder aquela que temos feito e como pode assim definir-se o MAR dentro do campo antifascista e nas suas relações com a F.P.L.N.?

Devemos em primeiro lugar salientar a preocupação genuína do referido artigo em discutir posições teóricas e em debater sinceramente problemas

ideológicos, o que, devendo ser normal, não deixa de ser uma novidade, especialmente no que a nós se refere.

Em relação às posições debatidas no referido artigo, supomos não poder atribuí-las globalmente a todo o MAR, dado a existência de tendências neste movimento político. No entanto, parece-nos importante rebatê-las na medida em que maior viabilidade poderiam vir a ter certos equívocos em que a "esquerda" portuguesa hoje parece iniciar-se.

Não podemos igualmente deixar de salientar que as críticas contidas no referido artigo às concepções "unitárias" da F.P.L.N. comprovam a nossa análise acerca das dificuldades que todos os sectores da oposição têm em ocultar contradições entre eles e existentes e em pretender camuflá-los sem uma crítica rigorosa. Desistir de combater pelos princípios a troco duma unidade por sedutora que pareça e por vantagens imediatas que traga, não eliminará as oposições de classe reais que tarde ou cedo surgirão à superfície. E na medida em que alguns dos argumentos do MAR, que expõe pela primeira vez de forma sistemática, contra a actual linha de unidade, decorrente da crítica que temos vindo a fazer, uma primeira conclusão parece ser de tirar: as nossas críticas "sectárias e pouco fraternas" comprovam-se mais uma vez na prática (vidé por exemplo a ruptura do general Delgado com a F.P.L.N.) e, numa certa medida, facilitam e servem de base a críticas hoje feitas por outras forças e personalidades políticas, devido a obrigar-mos a que os interesses diferentes em jogo acabem por delimitar-se com maior precisão. Isto só nos encoraja a redobrar de vigor, para que a mistificação da "unidade" seja amplamente criticada e o proletrariado acabe por libertar-se de semelhantes patranhas

Não exageramos: o próprio artigo refere a existência de "divergências com outras forças e com militantes independentes. São divergências graves por vezes", e afirma claramente: "a unidade, tal como está, não satisfaz".

O MAR perante os revisionistas de A. Cunhal

Um primeiro aspecto da crítica do MAR à "unidade", positivo este, possível em parte devido à nossa crítica sistemática, consiste no facto, um tanto surpreendente para quem ignore os progressos do revisionismo no seio do PC de A. Cunhal, de criticar claramente uma unidade entre forças revolucionárias e burguesas liberais, de chamar a atenção para as contradições classistas entre as forças não-monopolistas, de criticar a unidade "com toda a gente e confiscada pelos moderados" (leia-se: revolução burguesa conduzida pelos democratas liberais), de repetir qualquer tentativa de comparação do "salazarismo" com o fascismo e o nazismo invasores, e a luta antifascista com as Resistências francesa e italiana, indo ao abordar este caso, o autor ao ponto de dizer que a forma unitária que a Resistência veio a adquirir hipotecou depois da guerra uma solução revolucionária, de chamar a atenção para os riscos da unidade com os "que só querem a revolução burguesa". consequentemente, o MAR declara não poder "sacrificar a clareza das suas posições à unidade que ... seja compromisso de baixo potencial e apenas procure satisfazer objectivos a curto prazo". De salientar ainda as afirmações de que Portugal não é uma nação "tipicamente subdesenvolvida", de que a média indústria continua a crescer, de que há contradições incompatíveis entre pequenos e médios produtores e assalariados - toda uma série de afirmações que têm sido desde o início feitas por nós, em oposição aos revisionistas de A. Cunha.

É sintomático verificar que o PC de Cunha,
que se pretende marxista-leninista (!) é incapaz de
criticar os interesses não revolucionários da média
burguesia liberal, que confunde o fascismo com um
punhado de agentes do estrangeiro, pretende reduzir
a luta antifascista à luta de todo o povo português
contra os monopólios e a "camarilha salazarista" -
o artigo define o salazarismo não como um ocupante-estrangeiro comprometido com os agressores de mão armada, mas com "uma forma de predomínio profundamen

te radicada no país, comprometida e comprometendo, de diversas maneiras e a níveis diversos, forças sociais também diversas que não só as dos monopólios ou latifúndios, como por vezes é cómodo pensar" - quer isto dizer, em termos marxistas, que o fascismo salazarista é afinal a forma de Estado da grande burguesia monopolista, à custa do qual se implantou sólidamente a ditadura de toda a burguesia, embora nela participem em proporções diferentes as suas diferentes camadas: grande, média e pequena. Isto é, à luta antifascista aplica-se a luta de classes. É certo que esta análise do MAR se encontra sujeita a flutuações, pois, apesar de dizer isto, refere noutro ponto do artigo que a sua luta é "antifascista e de libertação nacional". Mas libertação nacional em relação a quem, a que invasor, a que ocupante estrangeiro? Esta terminologia, para um marxista, tem um sentido preciso, que o leva a rejeitar tal termo para definir a etapa da revolução em Portugal.

Mas o espantoso é ver o PC revisionista de Cunhal cada vez menos em condições de fazer esta crítica, ver que ela é feita por uma força política não-marxista, o que pode mostrar que certos sectores radicais da pequena burguesia, impacientes com o imobilismo dos reformistas de Cunhal, ao iniciarem críticas deste tipo, pretendem vir colocar-se à esquerda do próprio PC e até tomar, se possível, o comando da luta antifascista.

Mas esta crítica à linha de unidade coincide com a dos marxistas-leninistas portugueses, representa ela um progresso em relação à linha da FPLN e do PC?

O MAR movimento radical da pequena burguesia

Já no número 4 do "Revolução Popular" definiram o MAR como um agrupamento radical burguês, a partir da análise das suas posições e tendo em conta declarar-se "socialista" e "revolucionário"; não é segredo para ninguém que, embora aceitando a "contribuição marxista", o MAR não é de forma nenhuma u

ma força marxista. Os seus interesses de classe, os seus objectivos a curto e longo prazo, não o definem como um partido interessado em que as classes trabalhadoras tomem o poder, não é uma força interessada na ditadura do proletariado. a sê-lo, o MAR teria de definir-se claramente em relação a esta pergunta: qual a classe que pretende levar ao poder? E teria de pronunciar-se claramente pela ditadura da burguesia ou pela ditadura do proletariado. Depois, a sua análise das classes em Portugal teria de permitir determinar com que classes pode o proletariado aliar-se, com que sectores pode chegar a acordos. Sem estas definições prévias, toda a crítica a um problema como o da unidade será hesitante, flutuante, porque esbarrará nos interesses próprios como força política não comunista, não poderá por isso chegar a posições coincidentes com as nossas. Que podemos nós desde já criticar no referido artigo? A falta de uma análise de classes, a referencia a forças políticas em luta sem querer ver as camadas sociais de interesses antagónicos que elas representam sempre, a não definição dos interesses e objectivos das forças políticas com as quais se discute o problema da unidade ou das alianças. O MAR não pode evidentemente definir uma linha de alianças correcta, que sirva os interesses do proletariado e facilitem a tomada do poder, se ele próprio não declarar previamente que é o proletariado que pretende de facto levar ao poder e que pretende insrir a sua ditadura sobre as classes burguesas, se ele próprio representar ou acabar por vir a representar os interesses "socialistas" da pequena burguesia dos campos e das cidades, na etapa actual da revolução portuguesa.

Em seguida, perante o oportunismo crescente dos reformistas de Cunhal, surge o MAR a criticar os liberais, os sociais-democratas e a pretender excluí-los da F.P.L.N. ("liberais social-democratas e demo-cristãos - ou seja uma parte dos católicos da oposição não cabem numa unidade organica que de resto não querem, e, para o mais, não devem ser demandados de mãos a abanar"); mas com que objectivo?

Liberlar o proletariado da influência do oportunismo, da influência pequeno-burguesa, emancipá-lo e dirigi-lo para a conquista do poder, sem nada ceder à burguesia? Se assim fora, a crítica do MAR teria de ir muito mais longe, teria de atacar a própria linha do PC e da F.P.L.N., teria de acabar a sua destruição, pedindo que a nós atribui, com razão, dado considerarmos a existência da F.P.L.N. como um obstáculo à revolução em Portugal, como um apêndice da ideologia burguesa que tende a manter o proletariado sob a sua tutela. Mas sobre estes problemas o artigo em questão é evidentemente mudo, porque a F.P.L.N. é fundamental para a existência do MAR como existência organizada, que pretende aproveitar em seu proveito.

A história da ditadura fascista tem mostrado que os agrupamentos radicais ou moderados burgueses não conseguem criar organizações clandestinas com vida própria e actuação ilegais. Limitam-se a constituir os quadros dirigentes, muitas vezes numa situação de semi-legalidade (como a Acção Democrático-Social), aguardando uma modificação da situação que lhes permita então surgir como forças políticas organizadas e bem definidas em relação aos seus interesses de classe. Normalmente todas as tentativas de constituição de organismos unitários da oposição têm sido feitas às cavalitas do PC, em que este dá os seus quadros, o seu aparelho partidário, a sua experiência, as suas tipografias, e que os burgueses liberais procuram aproveitar como lhes convém. Cena triste que se repete hoje com a F.P.L.N..

Para uma força como o MAR, de interesses "socialistas, pretendendo portanto transformar a ditadura burguesa (mas não terminar com ela), a F.P.L.N. é um aparelho fundamental que procura controlar pelo menos duma forma mais equilibrada, para assim ter a base orgânica que de outra forma nunca teria. Todas as críticas do MAR à F.P.L.N. são feitas no sentido, não de ela ser um obstáculo a que o proletariado tome pela força, o poder, mas de ela não funcionar da forma que o MAR entende ser-lhe conveniente. Que outro sentido teria a crítica à unidade pelo to-

po e à unidade pela base?

Uma frente unida de esquerda? - Dirigida por quem?

O MAR critica a F.P.L.N. por ela não corresponder àquilo que tem sido mais criticado pelos marxistas-leninistas portugueses, por ela não ser um super partido, por ela só praticar uma unidade no topo e não efectuar a todos os seus escalões orgânicos, do cimo à base. O objectivo do MAR parece ser o da fusão das diferentes organizações de "esquerda", numa Frente Unitária de Esquerda, "revolucionária e socialista", o que daria assim a possibilidade de o MAR penetrar de forma organizada no seio da classe operária, à custa do aparelho do PC. Mas este objectivo será assim tão inadmissível, o PC de Cunhal terá na verdade muitos argumentos a o por-lhe? Os objectivos de ambos os grupos não se entrechocam muito e até assistimos ao facto sintomático de ser o MAR a criticar o colaboracionismo dos reformistas, a repelir as forças médio burguesas da unidade orgânica, enquanto o PC é incapaz de criticar teoricamente seja quem for, dando-nos o maior espectáculo de impotência crítica a que até hoje se assistira no movimento operário português. Por toda a Europa, impregnada de revisionismo, assistimos hoje à rejeição pela borda fora feita pelos PCs tradicionais de princípios atrás de princípios, e à condenação da cisão com os socialistas efectuada pelos partidos comunistas há cerca de quarenta anos. Na França ou na Itália, correntes importantes no seio dos partidos comunistas advogam a fusão com a social-democracia; Waldeck Rochet repele a ditadura do proletariado, alguns PCs eliminam mesmo esta noção dos seus estatutos, o PC espanhol, num ataque de loucura, diz que o fascismo pode ser derrubado em Espanha por métodos pacíficos! Porque não esperar que a mesma colaboração venha a dar-se em Portugal entre o PC reformista e as correntes "socialistas" não comunistas? E para que não se diga que exageramos, note-se que enquanto o MAR critica "a tendência para um desvio de direitas no seio da Frente", o relatório de Cunhal

diz o seguinte; no seu resumo publicado no "Ávante" de Outubro de 1965:

"Mas sendo a F.P.L.N. uma frente das esquerdas, não pode considerar-se como uma forma acabada de organização unitária.

Impõe-se o alargamento e reforço da unidade na base de acções concretas imediatas e duma cooperação política permanente em todos os sectores da O posição. O relatório do Comité Central destaca, nesse sentido, a necessidade de intensificar os esforços para a unidade com os católicos progressistas e os republicanos liberais". Isto é exactamente aqueles que o MAR pretende afastar da "unidade".

E aliás o próprio artigo que diz: "com o que são de relacionar os ataques de parte comunista, ao espantinho de uma "F.P.L.N.-super-partido", que ninguem parece querer à excepção do MAR". Quando o MAR defende a constituição de uma frente unitaria de esquerdas, em que a unidade seria efectivada nos diferentes escalões da Frente e não apenas no topo, consólida esta sua posição atacando-nos, por, ao atacarmos a Frente, pretendemos um "fácil predominio entre as múltiplas trabalhadoras e na condução da luta antifascista"; defende igualmente a existência de várias organizações revolucionárias, condição essencial para uma democracia operária, a sua participação integrada na Frente, embora cada uma delas mantendo a sua autonomia.

Mas, perante a vontade do PC reformista e dos marxistas-leninistas de disputarem a hegemonia do proletariado, que poderia o MAR declarar senão que se opõe a essa tentativa de hegemonia, pois só assim pode ele impor a sua própria, só assim ele pode tentar competir num terreno que não é o seu, o que fará com tanto mais êxito quanto conseguisse fazer desistir os partidos operários de lograrem a hegemonia do proletariado. Se em França Waldeck Rochet já consente em entregar parte da luta operária e da luta para o socialismo ao social-traidor Guy Mollet,

isto obriga os marxistas-leninistas a rebaterem firmemente semelhantes pretensões.

A nossa posição é, ainda, radicalmente diferente. Que significa em primeiro lugar para nós a existência de várias forças políticas, senão um sintoma do aumento de luta de classes no nosso país, uma definição de interesses de classes diferentes que ganham maturidade e expressão política através de movimentos e partidos em formação? O aumento da luta de classes, define melhor os antagonismos em presença, dá uma consciência e uma expressão a forças até aí hesitantes e sem possibilidades de existência real. Dentro do panorama da luta de classes a vanguarda do proletariado forja o seu partido, a sua arma política, que irá lutar pelo derrubamento da burguesia e pela instauração do socialismo. Isto não quer dizer que se o proletariado tomar hoje o poder em Portugal vá implantar logo o socialismo e a observação do artigo do MAR revela inteiro desconhecimento do processo revolucionário: desde que o proletariado tome o poder, ele percorrerá diferentes etapas, até chegar ao socialismo, tantas quanto o desenvolvimento das forças de produção o exigirem. Por isso, nós caracterizamos a etapa actual de democracia popular, ou mais rigorosamente, de ditadura democrática dos operários e camponeses, o que quer dizer que na fase actual o poder será compartilhado pelo proletariado, através do seu partido marxista-leninista, e por outras massas populares das cidades e dos campos, eventualmente representadas por partidos que venham a constituir independentemente, pois o proletariado não poderia sozinho tomar o poder. A constituição desta aliança obedecerá às condições atrás indicadas, mas sem ele não haverá conquista do poder por parte do proletariado. Esta aliança poderá vir a transformar-se, poderá vir a permitir uma passagem mais rápida para o socialismo, pois desde que o proletariado comande a revolução e tome o poder, ele pode acelerar a marcha para o socialismo. Evidentemente que isto significa uma etapa em que haverá vários partidos no poder, como sucedeu na Rússia, em que os socialistas revolucioná-

rios de esquerda ocuparam o poder com os bolcheviques . Mas isto não impede que só um partido de facto comunista pode levar o proletariado para o socialismo. A tese reformista, hoje a pleno vapor, afirma que vários partidos poderão caminhar para o socialismo (vidé PC italiano e PC francês).

A existirem vários partidos operários, eles representarão forçosamente camadas e sectores, de níveis de consciencia diversos, dentro do proletariado: a vanguarda não pode segregar dois partidos de facto comunistas, porque ou ambos teriam a mesma concepção marxista da luta de classes e da tomada do poder e então seriam um só, ou então teriam concepções divergentes acerca da luta de classes e da tomada do poder, divergiriam portanto do marxismo-leninismo, e representariam, pelo menos objectivamente, interesses diferentes dos da vanguarda do proletariado, representariam um prolongamento de concepções burguesas, reformistas, conciliadoras, infiltrado no meio da classe operária e não seria portanto um partido comunista. O facto de só uma minoria estar madura para o socialismo e saber para onde conduzir a revolução, não significa que as massas populares não possam ser levadas pelo partido comunista para o socialismo: um partido de vanguarda, se tem uma linha bem definida sobre a ida para o socialismo, tem igualmente uma linha clara para as massas mais atrasadas, linha essa que é uma etapa na direcção do socialismo, embora não seja ainda o socialismo. A ligação do partido da vanguarda às massas é uma condição indispensável para a revolução

O MAR defensor da ditadura da burguesia

Que sentido tem portanto para um comunista dizer, como faz o artigo em questão, que "o povo português na sua maioria não está por agora mobilizável em torno de palavras de ordem ou teorias explicitamente socialistas" e que a "F.P.L.N. não deve propor-se formalmente desencadear desde já uma revolução socialista?" Nós sabemos perfeitamente que a maioria do povo português não está madura para o socialismo, embora objectivamente se possa partir para o socialismo, mas sabemos também que isto não é uma condiçã

socialismo, mas sabemos também que isto não é uma condição para o proletariado através do partido da sua vanguarda tomar o poder, pois irá mobilizar as massas em torno de palavras de ordem que não são a aplicação imediata do socialismo e as massas serão mobilizadas através da defesa imediata dos seus interesses que, na fase actual, decorrem da luta contra a exploração da grande e média burguesia. Destruir a grande burguesia e neutralizar a média, não é aplicar o socialismo, é dar um passo na sua direcção; destruir a grande burguesia entregando a direcção das massas populares aos burgueses liberais e aos seus auxiliares reformistas, é recompor o capitalismo, modernizá-lo, democratizá-lo e não avançar para o socialismo.

Note-se por exmplo a precisão de Lenine a este respeito.

"A nossa revolução burguesa , e por isso os operários devem apoiar a burguesia, dizem os Potresov, os Gvozdiev e os Chjeidze, como dissera antes Plekanov.

A nossa revolução é burguesa, dizemos nós os marxistas, e por isso os operários devem abrir os olhos ao povo para que veja a mentira dos polícastros burgueses e o ensine a não acreditar nas suas palavras. E a confiar unicamente nas suas próprias forças, na sua própria organização, na sua própria união, no seu próprio armamento. (Lenine , "Cartas de Longe", Obras Escolhidas, ed. espanhola volume 2, pág. 33)3

A ditadura do proletariado e democracia operária estão obrigatoriamente ligadas, pois não deve supor-se que a ditadura dos trabalhadores só é forte através do seu aparelho estatal e repressivo. A ditadura do proletariado, para poder exercer-se eficazmente tem de apoiar-se na mobilização política e ideológica das massas, para que estas participem na construção da sociedade socialista, para que as suas contradições sejam resolvidas livremente

te. Mas para que exista democracia operária, tem de haver previamente a conquista do poder político por parte do proletariado, problema acerca do qual o artigo permanece mudo.

Na medida em que vários partidos operários representam camadas diferentes de interesses no interior do próprio proletariado, é de todo o interesse para o partido comunista combater implacavelmente as suas concepções não marxistas, submetê-los a uma crítica constante, ilustrando diante dos trabalhadores que eles não pretendem levá-los ao poder e assim chegar a plataformas conciliatórias com a burguesia. A história da revolução soviética é riquíssima a esse respeito e só através duma batalha encarniçada puderam os bolcheviques conquistar as massas, libertando-as da influência dos mencheviques, dos socialistas revolucionários e dos oportunistas de todos os tipos. De todos os partidos que surjam no seio da classe operária, só um levará o proletariado ao socialismo, porque só um será o partido da sua vanguarda e será o partido que aceita os princípios do marxismo-leninismo.

Após a tomada do poder, as classes continuam a existir e partidos diferentes continuam a disputar o poder ao partido do proletariado, a luta de classes prossegue. Mas o PC procurará utilizar a luta de classes em seu proveito, para eliminar gradualmente as classes burguesas o que implicará também a desapareição dos seus órgãos políticos. Os diferentes partidos operários, os diferentes partidos "socialistas" terão durante um certo período a sua base social dentro do próprio proletariado e contra eles o PC desencadeará uma luta constante, sempre que procurem sabotar o caminho para o socialismo; lutará também para furtar as massas, os operários, à sua influência ideológica, combatê-los-á ideologicamente e ilustrará na acção os fundamentos da sua crítica.

Inteira democracia operária por mais fácil-

mente desmascarar as concepções oportunistas; inteiro debate ideológico para que os trabalhadores se armem politicamente para defenderem o seu Estado contra todos os ataques...

O artigo em questão defende por um lado a democracia operária, para que sector possa exprimir-se livremente; no entanto, é no próprio artigo que deita borda fora esta democracia, ao dizer: "A forma conflituosa das divergências entre revolucionários não serve o povo português, venha de quem vier". Não será isto uma cobertura para atacar aqueles que procuram o debate ideológico? Quando se diz em política "não serve o povo português", deve ler-se: "Não serve os nossos interesses de classe"

Quando dizemos que o MAR não pretende levar de facto as massas populares ao poder, esta conclusão encontra-se reforçada por mais o seguinte: ao criticar com razão a linha de levantamento nacional, propõe: "tratar da insurreição armada contra o regime. Não pode pensar-se que ela venha a resultar de uma acumulação de acções de outro tipo, mas tão só a partir de actos pré-insurreccionais, espectaculares e violentos" (o sublinhado é nosso). No entanto, ponto importantíssimo, o artigo nada diz sobre a forma de derrubar o fascismo: como e quem vai destruir a máquina de Estado, como e quem vai destruir o aparelho e policial do fascismo? Partindo de actos pré-insurreccionais, diz o MAR, mas para passar a quê?, perguntamos nós. A posição hesitante do MAR sobre as questões fundamentais verifica-se assim uma vez mais crítica decerto o PC quanto ao levantamento nacional concepção de tal forma oportunista que um próprio partido radical não a aceita; mas como não pretende de facto a ditadura do proletariado, como não demarca nitidamente os interesses do partido do proletariado de todos os demais burgueses, não pode decerto pôr o problema da criação, a partir de pequenas acções, dum exercito popular, dirigido por um partido marxista-leninista.

A pedra de toque, para averiguar do "socialis

mo" e do "revolucionarismo" do MAR consiste portanto em colocar-lhe a questão da classe que pretende levar ao poder é se: se declara pela ditadura da burguesia

Pergunta aliás desnecessária, pois o próprio MAR dá a resposta ao dizer: "Cabe-nos hoje o trabalho de preparar e fazer uma insurreição antifascista em que as classes trabalhadoras se não limitem (o sublinhado é nosso, R:P.) a desempenhar o papel de massa de manobra e através do qual progridem em consciência e organização". Quer dizer, ao MAR, repugna-lhe que os trabalhadores na ampla "unidade" não sirvam de mão de obra da burguesia liberal, quer portanto que participem um pouco mais da condução da luta untária, controlada decerto por classes não proletárias.

O que é evidentemente diferente da nossa posição, em que os trabalhadores não só se não limitam a ser massa de manobra, como dirigem e conduzem as massas trabalhadoras para a revolução, libertos inteiramente da ideologia e da tutela da burguesia (mesmo radical...).

-----++-----

OUÇA " R Á D I O P E Q U I M "

emissões diárias em lingua portuguesa:

20.00 - 20.30	Kc/s.	Mts
	7 335	40,9
	10 180	29,5
	11 685	25,7

+++++

O ABANDONO DA ALIANÇA

OPERÁRIO - CAMPONESA

PELOS REFORMISTAS DE CUNHAL

Já por várias vezes temos referido e analisado o abandono por parte do partido reformista de Cúnhhal da aliança operário-camponesa e o seu desejo aberto de apagar as contradições de classe no campo, de colocar as massas trabalhadoras do campo na esteira do médio campesinato, que se procura atrair para a linha de "unidade anti-salazarista". Defender os interesses capitalistas dos médios camponeses, sem falar na contradição existente entre eles e os camponeses pobres, os jornaleiros e os assalariados, não é reduzir as contradições no campo a luta entre os latifundiários e o "campesinato", não é conceder de facto a luta nos campos ao médio campesinato, não é desistir realmente de mobilizar a sério as centenas de jornaleiros, assalariados e camponeses pobres, de os organizar separadamente e de os conquistar com decisão para o lado do proletariado?

Recentemente no "Avante" de de Agosto de 1965, no órgão dum partido que se pretende da vanguarda do proletariado (!), vinha claramente exposto uma vez mais este interesse na conciliação das classes no campo, num artigo denominado "Pequenos e médios camponeses defendei os vossos interesses". Mas como falar dos interesses comuns dos pequenos e médios camponeses num jornal do proletariado, escondendo ao mesmo tempo que sob esta designação se englobam várias classes e camadas sociais, ocultando a contradição que opõe os camponeses pobres aos médios camponeses, e sem ter uma só palavra para os proletários e semi-proletários do campo? A média burguesia camponesa tem interesses diferentes dos da grande massa do campesinato trabalhador e um verdadeiro partido do proletariado deve lutar incansavelmente para arrancar os camponeses pobres à tutela do médio-campesinato, a quem os reformistas, per

seguindo o sonho dourado de uma "unidade" com a burguesia liberal, entregam a condução da luta antifascista nos campos.

Decerto a contradição principal no campo é a que opõe o proletariado rural aos seus exploradores (latifundiários, rendeiros capitalistas, camponeses ricos e médios, etc.), mas existem também contradições entre os camponeses pobres e os camponeses ricos e médios e entre os rendeiros capitalistas e os camponeses ricos, dum lado, e os latifundiários e outros proprietários semi-feudais, do outro. Sem analisar estas contradições, sem analisar o grau de desenvolvimento do capitalismo nos campos, é impossível definir, para uma dada etapa, quais as classes com que o proletariado pode aliar-se. Tomar como faz Cunhal, o "campesinato" como um todo, está aliás de acordo com a sua concepção errónea de Portugal como país sub-desenvolvido e pré-capitalista em que as diferenças de classes seriam mínimas, no campo "antifascista" o que permitiria tomá-lo como um bloco e opô-lo aos latifundiários e ao governo fascista, esquecendo propositadamente que uma luta de classes implacável decorrerá no campo, atirando para um lado as massas camponesas trabalhadoras (que representam 1/3 da população) e para o outro, as classes proprietárias. Nestas condições, entregar a condução da luta antifascista ao médio-campesinato, consiste em voluntariamente submeter às massas trabalhadoras do campo aos seus interesses exploradores, para serem utilizadas como força de pressão sobre os camponeses ricos e os latifundiários. Os reformistas de Cunhal, num verdadeiro passe de prestidigitação, falsificam assim uma vez mais deliberadamente a luta de classes no campo.

Já não nos espanta ver hoje o partido reformista de Cunhal que no "Avante" de Fevereiro de 1965 apelava para que os pequenos e médios vinhateiros ingresassem no BCP, sem ter uma só palavra em relação aos jornaleiros que trabalham para estes vinicultores, apelar agora para os médios camponeses nos seguintes termos: "Deveis organizar as vossas próprias reclamações; deveis eleger as vossas próprias comissões; de-

veis actuar independentemente... Deveis tomar nas vossas próprias mãos a defesa dos vossos interesses a luta pela resolução dos vossos problemas". Isto é, para além de confundir os interesses antagónicos dos médios e dos pequenos burgueses, este apelo representa na prática estimular a criação duma organização própria dos médios camponeses (a sua situação proprietária e exploradora torna-a mais poderosa e estável que a pequena burguesia) que arrastaria assim na sua órbita as vastas massas trabalhadoras dos campos. O "Avante" estimula assim o médio campesinato a defender os seus interesses contra os latifundiários, contra o governo e... (o que o "Avante" esconde) contra os interesses dos jornaleiros e assalariados que explora!

O artigo acena com a fórmula de "governo democrático", por nós repetidamente definido como governar no democrático burguês, conduzido pela burguesia liberal, como sendo o único capaz de ter em conta os interesses do médio campesinato o que permitiria então "assegurar o trabalho e garantir salários que permitam uma vida desafogada aos assalariados dos agricultores". Ficam portanto esclarecidos desde já as massas trabalhadoras do campo, exploradas pelos latifundiários, pelos rendeiros capitalistas, pelos camponeses ricos e... pelos médios camponeses: são inúteis todas as suas lutas independentes, não vale a pena armarem-se, não interessa um governo democrático popular no qual participar. Não, as massas trabalhadoras do campo, segundo o "Avante" devem aguardar tranquila e pacientemente que o médio campesinato se organize primeiro e, em colaboração com as outras forças democráticas depois, derrube o fascismo, com o que terão "uma vida desafogada", embora continuem a ser explorados pela "boa burguesia liberal"!

Numa coisa estamos entretanto de acordo com o "Avante"; e isto, quando ele diz aos médios camponeses: "Sómente tal governo deve ter o vosso apoio! Na verdade, este governo "democrático", defendido incansavelmente até à traição pelos reformistas, é o

único que pode interessar a média burguesia liberal, dos campos e da cidade, que lhes permite explorar du ma forma "pacífica, democrática e parlamentar" as massas trabalhadoras que o PC de Cunhal assim entrega à sua sorte. Mas então, é perfeitamente natural que o proletariado e as massas exploradas dos campos e das cidades lutem por outro governo que defenda de facto os seus interesses e não os da coligação entre os reformistas e os burgueses liberais.

A comprovar o papel de "vanguarda" que os reformistas atribuem à "boa" burguesia do campo, ainda neste mesmo número encontramos um outro artigo de aplauso aos vinicultores, por se terem recusado a pagar uma taxa. No entanto, tanto num artigo como noutro, os reformistas perderam de vista as massas populares. Os reformistas são hoje os defensores zelosos das dezenas de milhares de pequenos e médios patrões camponeses.

Os reformistas que se esforçam para a instauração do tal "governo democrático burguês". Quanto , às organizações revolucionárias como a FAP e o Comité Marxista-Leninista Português, estas preferem esforçar-se para conquistar as centenas de milhares de jornaleiros, assalariados e camponeses pobres, que o partido reformista de Cunhal pretende atrelar aos interesses "revolucionários" dos médios camponeses.

A CONFERENCIA

TRICONTINENTAL DE HAVANA

A primeira conferencia de solidariedade dos povos da Ásia, da África e da América Latina reuniu-se em Havana (Cuba), com a participação de mais de 630 pessoas, entre as quais cerca de 500 delegados de 82 países e territórios, durante os primeiros dias do mês de Janeiro.

Esta conferência, à qual participaram pela primeira vez representantes dos movimentos revolucionários da América Latina, segue a luta anti-imperialista conduzida pela "Organização da Solidariedade dos povos afro-asiáticos" que tem já longa experiência, procurando responder às exigências actuais dos movimentos dos 3 continentes pela semelhança dos problemas determinados pela agressão dos Estados-Unidos e da necessidade de organizar a resistência armada dos povos.

No "Relatório Político" apresentado pelo Comité Internacional Preparatório da Conferência - "Antecedentes e objectivos do Movimento de Solidariedade dos povos da África, da Ásia, e da América Latina" - nós podemos observar :

"Duma ou doutra forma e na medida das suas possibilidades, a luta dos povos da América Latina pela libertação nacional seguiu o seu curso com a mesma tenacidade com que os países da Ásia e da África tentavam soldar a sua solidariedade antes, e especialmente, depois da conferencia de BANDUNG".

E mais longe diz: - "Na América Latina, o triunfo em 1952 da Revolução Cubana traz uma viragem essencial no desenvolvimento da luta anti-impe

rialista que se traduz no fortalecimento dos movimentos revolucionários existentes e na extensão e no aprofundamento da consciência de luta das massas".

Sobre o alargamento da solidariedade afro-asiática aos povos da América Latina (isto não quer dizer que não tenha havido sempre uma solidariedade natural entre os povos dos 3 continentes), o Relatório Político afirma:

"O conjunto destes antecedentes e circunstâncias determinam que o vasto e pujante movimento de solidariedade afro-asiática estenda a sua mão à América Latina, e se examinem e constatem as características similares das lutas e vicissitudes dos 3 continentes, submetidos à mesma política de exploração, agressão e intervenção das potências imperialistas e colonialistas, assim como as particularidades nascidas de condições históricas, económicas, sociais e culturais diversas".

Esta conferencia tinha pois como objectivo principal a elaboração de uma estratégia revolucionária anti-imperialista à escala dos três continentes, onde a miséria, a repressão, o atazo económico, a permanente repressão política por parte dos imperialistas e dos seus acólitos originam condições explosivas. Como nos diz a "Segunda Declaração de Havana?" "O que é a história desses povos senão a história da mais impiedosa e cruel exploração por parte dos imperialistas do mundo inteiro?"

"A celebração desta Conferência na Havana constitui um acontecimento de proporções mundiais. Pela primeira vez reúnem-se delegados das organizações de luta anti-imperialista e anti-colonialista dos 3 continentes. Pela primeira vez, torna-se efectiva e toma corpo a ideia de unir os esforços para eliminar todas as formas de colonialismo que as potências imperialistas e colonialistas se obstinam ainda em prolongar, para frustrar as agressões dos imperialistas e das forças reacçãoárias nos 3 continentes; para acelerar a libertação dos povos, para assegurar o seu

desenvolvimento económico, social e cultural. Para consolidar o movimento de solidariedade da África, da Ásia e da América Latina e para manter activa e permanente a ligação e a coordenação de todos os países que lutam por conquistar ou conservar a sua independência. Todos estes esforços unidos, e as medidas concretas que se adoptem tendentes a materializar a sua solidariedade em todos os sentidos, contribuirão para robustecer e alargar ainda mais esta luta, e constituirão um rude golpe na coluna vertebral do imperialismo" (ibid.)

Assim, 3 problemas centrais estiveram na base da realização desta conferência:

1º) A unidade popular dos três continentes para se opôr ao imperialismo:

"Frente à luta crescente dos povos suj^ugados para se libertarem da exploração imperialista, os imperialistas, particularmente os norte-americanos, põem em moda, com um cinismo incrível, o argumento de que essa luta constitui uma agressão exterior, quando justamente as suas repressões sangren^utas são as que implicam uma intervenção armada brutal contra o direito dos povos ao progresso social e à independência. Este argumento foi utilizado pelo imperialismo norte-americano para tentar justificar a sua intervenção em São Domingos e no Vietname.

"A Camara de representantes dos Estados Unidos, num acordo recente, proclamou o suposto direito dos E.U.A. de intervirem em qualquer país da América Latina com as suas forças armadas para esmagar o movimento revolucionário" (ibid)

2º) Escolher nitidamente entre a luta anti-imperialista ou a capitulação face ao imperialismo- em particular aos Estados-Unidos:

"A história , a lógica e a razão asseguram que no vastissimo catálogo de acções dos imperialistas não há, nem pode haver, lugar para a renúnciação"

lembra o Relatório Politico".

Sobre a violencia revolucionária a opôr à violência contra-revolucionária do imperialismo o "Relatório Politico" afirma:

"Os povos dos 3 continentes devem responder à violência com a violência revolucionária, tanto para salvaguardar a independência nacional duramente conquistada, como para lograr avlibertação dos povos que lutam para sacudir o jugo colonialista.

"...Contra esta política de opressão e de desigualdade, de divisão seguida pelo colonialismo e pelo neo-colonialismo só haver a união e a igualdade entre os povos dos três continentes. Contra a acção violenta do colono só resta uma alternativa: Servidão ou luta. E é no fogo do combate, na luta comum contra o explorador, onde todas as barreiras baseadas em diferenças de cor, de costumes, de hábitos, de linguas, desaparecerão a fim de que a humanidade possa construir a sua história colectiva" (ibid.)

O relatório constata neste ponto que: "Cada êxito obtido pela causa da liberdade e da independência foi o produto da rebelião popular". (ibid.)

3º) A luta revolucionária do povo do Vietname, contra a gressão criminosa do imperialismo norte-americano, é actualmente o centro de gravidade da revolução mundial (explicaremos mais longe a razão desta nossa afirmação).

O "Relatório Politico" afirma que:

"No momento actual, a defesa da justa causa do Vietname tornou-se uma questão essencial e um critério para a estratégia revolucionária dos povos da Ásia, da África e da América Latina, dos países socialistas e das classes e dos sectores progressistas das nações capitalistas".

"...É preciso ao mesmo tempo, destacar o dever imperioso de todas as forças revolucionárias do mundo

de poiar sem reservas os pontos apresentadas pela Frente Nacional de Libertação do Vietname do Sul e do governo da República Democrática do Vietname, para a solução do problema vietnamita, a saber: exigir da parte do governo dos Estados Unidos o respeito e a aplicação correcta dos acordos de Genebra de 1954; a cessação imediata da guerra de agressão do imperialismo norte-americano no Sul do Vietname; a retirada imediata do Vietname do Sul de todas as tropas e material de guerra dos Estados Unidos, com fim de permitir ao povo vietnamita do sul de resolver por si próprio os seus problemas internos".

Por outro lado este dever revolucionário dos povos implica o reconhecimento :

a) da FNL do sul do Vietname como o unico e verdadeiro representante do povo vietnamita do sul, "A presente Conferência considera a Frente Nacional de Libertação do Vietname do Sul como o único e autentico representante do povo vietnamita do Sul e exprime a sua firme e maxima convicção de que sob a direcção da FNL o povo vietnamita obterá sem dúvida a sua vitória final".

b) de que o imperialismo norte-americano é o principal inimigo dos povos. "A história recente demonstra com uma nitidez exemplar, que o imperialismo norte-americano é o maior inimigo da paz mundial, o baluarte do colonialismo e do neo-colonialismo, o bastião das forças da reacção, o inimigo público numero um dos povos do mundo". (ibid.)

Finalmente o "Relatório Politico" conclui q que: "É claro que a solidariedade milante dos povos dos 3 continentes é uma necessidade imperiosa, ditada pela identidade dos problemas e pela comunidade das aspirações, e imposta pela dialéctica dos acontecimentos, porque as acções agressivas do imperialismo adquiriram um caracter global, ameaçando igualmente a autodeterminação, a independência, a soberania e a segurança dos povos de todo o mundo!"

II -- VIETNAME: centro da revolução mundial

(Sobre este problema de primeira ordem a maioria dos delegados apoiou sem reservas, a luta do povo vietnamita contra a agressão do imperialismo norteamericano, bem como a declaração em cinco pontos da Frente Nacional de Libertação (FNL) do sul do Vietname e a declaração em 4 pontos da República Democrática do Vietname. A maioria dos delegados condenou severamente a agressão dos Estados Unidos, desmascarou o logro que se esconde por detrás do "Plano em 14 pontos" e das "negociações de paz" da administração Johnson e condenou toda a colaboração com o imperialismo norteamericano na questão do Vietname).

A guerra revolucionária do povo do sul do Vietname é, sem dúvida, a vanguarda de toda a luta anti-imperialista mundial. Em face desta guerra, duas linhas diametralmente opostas afrontam-se: uma oportunista e outra revolucionária.

Os revisionistas modernos procuram reduzir a luta revolucionária dos povos, o heroísmo destes, em vitórias da "coexistência pacífica" e por conseguinte, da linha capitulacionista da direcção oportunista do PCUS. Eles pretendem também que as vitórias do povo vietnamita são devidas principalmente às "armas modernas" fornecidas pela URSS. Que despezo pelas heróicos esforços do povo vietnamita! Exactamente como os imperialistas norteamericanos, os revisionistas põem toda a sua confiança nas "armas modernas", na sua superioridade, e opõem-se desta maneira às massas populares: tantos uns como outros são incapazes de reconhecer na luta heróica destas últimas o factor essencial, decisivo, da guerra.

Contra as aspirações das massas populares, os oportunistas e os revisionistas exigem a "paz" e lançam grandes operações em favor das negociações para a paz". Mas a "paz no Vietname" pela qual se dizem interessados os imperialistas norteamericanos e os seus aliados revisionistas, visa também a esconder o facto de que os Estados Unidos tentam permanentemente atacar a República Popular da China, baluarte da

revolução mundial e espinha dorsal do continente asiático em marcha. Não é verdade que todos os pactos militares (SEATO, NATO, ANZUS, etc.) - face aberta dos designios belicistas do imperialismo norteamericano - e a "cooperação entre americanos e soviéticos" - face oculta, subterrânea, destes mesmos objectivos agressivos - tendem a cercar a R. P. da China?

É evidente que um dos objectivos da "guerra especial" no Vietname era o de ocupar o país para o transformar numa base militar para a guerra de agressão que o imperialismo norteamericano há muito prepara contra a China Popular. O povo vietnamita está perfeitamente consciente desta realidade. Da mesma maneira que a China com a sua posição firme e intransigente face ao imperialismo e ao revisionismo defende a revolução no Sul do Vietname e no mundo, a FNL do Sul do Vietname, que é o povo em armas, derrotando estes mesmos imperialistas defende poderosamente a revolução chinesa e a revolução mundial.

É pois um dever desmascarar todas as proposições de "paz" do imperialismo norteamericano, apoiadas pelo revisionismo moderno, e sustentar sem reservas a estratégia revolucionária da FNL, única estratégia de paz válida e responsável.

A atitude dos revolucionários é completamente diferente da dos revisionistas, e eles vêem as vitórias da luta revolucionária do povo vietnamita um exemplo a seguir. Elas são para eles a prova irrefutável de que o factor decisivo é o homem, o homem consciente, transformado, que opõe a sua coragem, a sua consciência de classe e a sua abnegação às "armas modernas" do imperialismo norteamericano. As vitórias do Vietname demonstram que um povo, por mais pequeno que seja, desde que conduza uma guerra justa e se levanta unido contra um agressor, mesmo tão poderoso como o imperialismo norteamericano, pode vencer.

Por outro lado a guerra de libertação do povo do Vietname derrotou a concepção imperialista da "guerra especial", "desenvolvimento e esadío supremo do neo-colonialismo americano no Su. do Vietname" (Prof. NGUYEN VAN HIEU, membro do Comité Central da Frente de Libertação).

A "guerra especial" tinha como objectivo principal desligar das massas os combatentes da FNL. Para atingir este fim, os imperialistas norte americanos construíram os modernos campos de concentração denominados "aldeias estratégicas". Ao mesmo tempo, recorriam a todas as armas repressivas contra as populações vietnamitas: gases tóxicos, obuses de fósforo, guerra bacteriológica, bombardeamentos massivos com "napalm", etc. Porém, esses esforços dos imperialistas norteamericanos fracassaram.

Os povos da Ásia, da África e da América Latina sabem que os imperialistas norteamericanos experimentam a sua guerra especial no Vietname com o fim de tirarem dela lições para reprimir no futuro outros movimentos de libertação nacional no mundo. E também por esta razão que os povos apóiam, sem restrições e com todas as suas forças, a guerra do povo do Vietname contra a agressão do imperialismo nazi norteamericano.

A luta do Sul do Vietname é uma parte integrante da revolução mundial e uma fonte inesgotável de ensinamentos, de vontade de lutar e de vencer.

O segredo das victórias do povo vietnamita reside fundamentalmente no caracter justo da sua guerra revolucionária - que responde aos objectivos do povo - e na linha correcta da sua vanguarda dirigente (marxista) - no seio da FN - que se integrou totalmente nas massas populares. A direcção proletária responde admiravelmente à grande interrogação do nosso tempo: deve o proletariado escolher entre a guerra e a paz imperialistas, ou deve decidir entre a guerra imperialista e a guerra contra esta guerra, a

a guerra civil revolucionária?

Por outro lado, a vanguarda marxista realizou a união do povo numa Frente Unida anti-imperialista, na base da aliança operária-camponesa para a construção e para a consolidação de uma retaguarda estável e sólida.

Conscientes da importancia universal do seu combate anti-imperialista, de que se representa para todos os povos do mundo, os marxistas vietnamitas souberam elevar a sua luta nacional e dar-lhe um conteúdo internacionalista, realizando na prática revolucionária esta tese do "MANIFESTO COMUNISTA" que os revisionistas esquecem e deformam na soberba do seu chauvinismo de grande potencia e na traição ao internacionalismo proletário!...):

"Os comunistas só se distinguem dos outros partidos proletários porque, por um lado, nas diferentes lutas nacionais dos proletários, destacam e põem em primeiro plano os interesses comuns a todo o proletariado, independentemente da nacionalidade; por outro lado, nas diferentes fases do desenvolvimento pelos quais atravessa a luta entre o proletariado e a burguesia, representam sempre os interesses do movimento no seu conjunto".

É, pois, a mais elevada lição de internacionalismo proletário que os revolucionários vietnamitas dão aos povos do mundo. Compete a estes últimos fazê-la sua.

III - As intervenções da delegação soviética

Nós acabamos de ver a importancia decisiva para o futuro revolucionário dos povos da luta do povo vietnamita e a razão pela qual o "Relatório Político" afirma que: "...No momento actual, a defesa da justa causa do Vietname tornou-se uma questão essencial e um critério para a estratégia revolucionária dos povos, etc....".

Assim (inspirando-se no exemplo do povo do Vietname), graças aos esforços e à combatividade das autênticas forças revolucionárias e anti-imperialistas, todos os objectivos da conferência estiveram, pois orientados no sentido da expansão do movimento revolucionário mundial, da solidariedade militante para com o povo vietnamita, e da luta intransigente contra o imperialismo dirigido pelos Estados Unidos.

Mas, as forças revolucionárias autênticas tiveram que resistir não só à repressão das forças reaccionárias internacionais (o que é completamente compreensível e lógico), mas também às do revisionismo moderno, dirigido pela delegação soviética. Vejamos em que consistiram as manobras da delegação soviética. Por exemplo sobre a questão do Vietname ela pretendeu:

- Fazer esquecer à Conferência que as victórias do povo vietnamês são devidas antes de tudo à sua própria luta heróica, abnegada e consciente, e não à ajuda soviética em "armas modernas";

- Fazer esquecer a ajuda inestimável que o povo vietnamita dá efectivamente a todos os países socialistas;

- Fazer esquecer que ajudar o vietname é um dever normal de todos os países socialistas;

- Impedir que o povo vietnamita receba directamente ajuda de outros países;

- Colocar toda a ajuda exterior ao Vietname sob o controle de uma organização internacional de ajuda ao Vietname;

- Espalhar e insinuar a calúnia de que a R. P. da China cria obstáculos ao transito do material destinado ao Vietname (esta calúnia acaba de ser oficialmente desmentida - 26 de Abril de 1966 -, numa declaração feita pelo Primeiro Ministro vietnamita, PHAM VAN DONG, que diz o seguinte: "Nós agradecemos sinceramente a China pela sua assistência eficaz, as sim como pela sua ajuda dedicada no trânsito dos so- corros enviados pela União Soviética e pelos outros países europeus fraternais".)

- Que a ajuda da URSS se transformou num capital que permitiria aos soviéticos de negociar com os Estados Unidos sobre o Vietname;

- Suscitar sentimentos anti-chineses;

- Criar a cisão em nome de uma tal "unidade de acção" para "ajudar" o povo vietnamita.

Sobre toda uma série de outras questões debatidas na conferência, a delegação soviética pretendeu:

- Fazer aceitar as suas teses de capitulação face ao imperialismo norte-americano.

- Dividir o movimento revolucionário dos povos dos três continentes

- Integrar o movimento nacional e democrático dos 3 continentes na órbita das manobras pela "coexistência pacífica" entre a URSS e os Estados Unidos

- Liquidar a "Organização de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos (OSPAA) com o fim de criar uma outra organização dominada pelos revisionistas e desprovida dessa importante base que é a OSPAA. Por, ela manobrou nos bastidores, por meio dos seus partidários, para que houvesse, em Havana mesmo, uma reunião do Comité Executivo da OSPAA, na qual a delegação soviética teria a intenção de pedir o "alargamento do OSPAA numa organização tricontinental. Essa manobra fracassou.

- Impedir que representantes de forças anti-imperialistas autênticas participassem na Conferência de Havana. (1)

- Infiltrar-se no Secretariado Executivo da Organização Tricontinental.

- Anular a escolha (feita pelos delegados asiáticos) da COREIA, da parte SUL DO VIETNAME, do PAQUISTÃO, e da SÍRIA, e os membros asiáticos ao Secretariado da Tricontinental.

Em particular, sobre a questão da expansão do movimento revolucionário (desejada pela maioria dos)

(1) - Veremos esta questão mais longe e em pormenor.

mundial, a delegação soviética manobrou para parali-
zar e liquidar o movimento revolucionário mundial ,
isto é, para colocá-lo sob o signo da "coexistência
pacífica" entre soviéticos e norteamericanos.

Por outro lado, ela pretendeu que os princi-
pais temas da Conferência fossem:

- "Coexistência pacífica"; entre os estados
com sistemas sociais diferentes"; "proibição das ar-
mas nucleares e dos seus instrumentos de transporte"
e "paz universal".

Na reunião da Comissão Política, ela pediu
que se inserisse, no projecto do resolução geral da
Comissão, a seguinte frase: "todas as nações, gran-
des ou pequenas, tomam a coexistência pacífica como
base das suas relações". Porém os delegados soviéti-
cos não pediram que no referido projecto se fizesse
apelo à oposição ao imperialismo dirigido pelos Es-
tados Unidos.

(Era no entanto, evidente, que o problema
mais importante da Conferência era o da unidade po-
pular dos 3 continentes para se opor ao imperialismo
e não o da "coexistência pacífica"; o de escolher
nitidamente entre a luta anti-imperialista ou a ca-
pitulação face ao imperialismo; e a resistência ar-
mada do povo vietnamita contra a agressão militar
do imperialismo norteamericano.)

Na realidade, ao longo da conferência, a po-
sição soviética foi invariavelmente a seguinte: li-
geiros ataques em palavras contra o imperialismo di-
rigido pelos Estados Unidos e "unidade de acção"
contra este mesmo imperialismo. Ela opôs-se pois à
posição dos revolucionários que, se bem que afir-
mando que a unidade é necessária, partem do princi-
pio que ela só pode ser bem definida respondendo-
-se correctamente a estas duas questões: Unidade
com quem? E Unidade contra quem? (1)

(1) - A resposta é evidente para nós: unidade de to-

Enfim a delegação soviética quis impor a sua tese de que o capitalismo monopolista mudara de natureza e que ele já não era a fonte da guerra na nossa época. Mas, contra as tentativas de mistificação da "coexistência pacífica" e da passagem pacífica ao socialismo, a maioria dos delegados condenou o imperialismo dirigido pelos Estados Unidos, revelou o seu character de "gendarme internacional" e a sua natureza belicista imutável e agressiva e a necessidade da revolução violenta, armada. Assim, as actividades agressivas do imperialismo norteamericano foram postas a nú, tais como (que constituem por si próprias a demonstração irrefutável do erro grosseiro das teses revisionistas.):

a) - O imperialismo norteamericano pratica a "política da agressão" na guerra de agressão ao Vietname.

- Intensifica a guerra de agressão contra o LAOS. (Em particular contra as zonas liberas controladas pelo Neo Lao Haksat).

- Ameaça e viola o território do CAMBODJA.

- De acordo com o imperialismo britânico criou a "Malásia".

- Conspira com a ala reacçãoária da Indonésia para esmagar as forças populares progressistas. (Depois da tentativa militar do dia 30 de Setembro de 1965, a repressão reacçãoária perpetuou um massacre que custou até agora a vida de mais de 200.000 comunistas!)

- Ocupa o território chinês de TAIWAM.

- Em colaboração com os militaristas japoneses, fabrica minuciosamente o "tratado nipo-coreano" que ameaça a segurança dos povos asiáticos.

- Coopera com a União Soviética para armar os reacçãoários indianos com o objectivo duma expansão em prejuizo dos seus vizinhos.

- Faz de Israel uma base de agressão contra os marxistas-leninistas e de todas as forças autenticas do movimento de libertação nacional contra o imperialismo dirigido pelos Estados Unidos; baluarte da contra-revolução mundial na nossa época.

tra o povo árabe.

b) Em colaboração com o antigo colonialismo reprime, pela força das armas, a luta de libertação nacional do povo congolês (Congo - L.)

- Encoraja o imperialismo britânico a sustentar a dominação colonial da minoria branca no ZIMBAWE (Rodésia do Sul).

- Por intermédio dos seus aliados da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), apóia as autoridades coloniais britânicas e portuguesas (na sua guerra de agressão contra a resistência armada dos povos de Moçambique, de Angola, e da Guiné dita "portuguesa") e consolida o seu reinado na parte sul da África.

c) - Conspira pelo derrubamento do governo cubano, impõe o bloqueio a Cuba e ocupa a base de Guantánamo.

- Envia 40 000 soldados para reprimir a insurreição popular na República Dominicana.

- Encoraja os governos fantoches reacçãoários da América Latina (com excepção do México) a manter o reino do capital monopolista americano nos seus países.

Assim a Conferência foi uma vitória dos povos: graças à luta oposta à corrente capitulacionista, sómente algumas resoluções contêm pontos de vista opostos às aspirações justas dos povos dos 3 continentes.

Os ausentes e Cuba

Um incidente importante a notar, - e a denunciar - foi o facto de que delegações revolucionárias, ou anti-imperialistas ou anti-colonialistas, foram arbitrariamente discriminadas pelo Partido Comunista Cubano. Este facto é tanto mais grave qu algumas delas lutam de armas na mão. (1)

(1) - Por exemplo - O "Movimento Revolucionário" - 13

Qual a razão destas discriminações? Se destacarmos todos os falsos pretextos avançados cubanos e pelos seus aliados revisionistas (tais como: "São organizações extintas" ou porque pecam por "aventureirismo, sectarismo, esquerdismo, trotskismo etc."), nós poderemos tocar abertamente o fundo do problema. Uma das razões é o facto de que estas organizações não só põem em causa a hegemonia da direcção cubana no que respeita a luta anti-imperialista no continente latino-americano.

desposou as teses revisionistas soviéticas e concede exclusivamente um apoio às organizações que seguem a orientação oportunista do revisionismo moderno) mas também ousam exprimir abertamente a sua aprovação respeitante aos "25 pontos" enunciados pelas camaradas do Partido Comunista Chinês (por exemplo, o "Movimento Revolucionário - 13 de Novembro" da Gua-

NOTA-(cont.) de Novembro" da Guatemala; o "Exército de Libertação Nacional" da Colômbia (no qual se incorporara o ex-padre CARLOS TORRES, morto recentemente numa operação de guerrilha), e particularmente a Frente Única da Bolívia, fortemente implantada na mais importante das bases revolucionárias da América Latina, onde a luta armada é uma realidade quotidiana (as minas de estanho: San José, Huancuni, Siglo XX, etc.)

No que respeita às colónias portuguesas, o Conselho Revolucionário de Moçambique (COREMO), nem a fracção revolucionária animada por VIRATO DA CRUZ, bem como o Governo Revolucionário de Angola no Exílio (GRAE), não participaram na Conferência. Estas discriminações são graves, tanto mais que podem ter repercussões prejudiciais no desenvolvimento da luta anti-colonialista (e, por conseguinte no movimento revolucionário português) contra o governo colonialista português.

temala ou o "Movimento Operário, Estudante e Camponês - MONE).

Muitovrecentemente numa carta aberta dirigida ao primeiro Ministro cubano, Fidel Castro, os camaradas do Partido Comunista do Brasil (Marxista-Leninista) notam justamente a odiosa discriminação de que foram vítimas organizações revolucionárias:

" A vossa atitude, camarada Fidel, durante os trabalhos preparatórios da Conferência Tricontinental, foi verdadeiramente detestável. O camarada Fidel não convidou as organizações que deveriam participar na reunião de Havana, mas fêz-se o advogado dos revisionistas. Todos os partidos e movimentos revisionistas foram convidados a enviar delegados. Quanto aos partidos e movimentos revolucionários, foram objecto duma odiosa discriminação, em particular os partidos da América Latina.

"... Eis porque é que a representação latinoamericana à Conferência Tricontinental estava longe de representar todas as forças actuais do movimento anti-imperialista e democrático e de traduzir plenamente os sentimentos das massas deste hemisfério contra os monopólios norte-americanos. É verdade que certos movimentos de libertação da América Latina estavam presentes na bela capital de Cuba. Mas, enquanto os porta-vozes de PRESTES, CODOVILLA, CORVALAN e companhia - fervorosos partidários da via pacífica e que, ainda há pouco, elogiavam os principais representantes do imperialismo norte-americano - tinham o direito de palavra e de voto nas assembleias do "Habana Lel-se", os partidos autenticamente revolucionários, como os partidos marxistas-leninistas da Bolívia, do Chile, da Colômbia, do Equador, do Perú, do Brasil e outros se viram privados de enviar mesmo um só observador. O camarada Fidel acolheu como representantes do povo combativo da Bolívia ele -

mentos revisionistas, alguns dos quais não vivem sequer no país, e obrigou a delegação boliviana da Frente Única a abandonar Cuba". (Extractos da carta do PC do Brasil).

Por outro lado (o mais importante), estas exclusões de organizações revolucionárias estão intimamente ligadas às transformações políticas operadas em Cuba, na medida em que o governo cubano vem sacrificando os interesses reais do povo cubano revolucionário, estrangulando progressivamente a sua revolução, pela submissão à direcção revisionista do PCUS.

Esta viragem política começou efectivamente a operar-se de maneira gradual depois da crise de Outubro de 1962, quando Krouchtchev capitulou diante do imperialismo norteamericano. Era porém um deslize cheio de contradições, de recuos e de avanços, agravando-se com a viagem de Fidel à URSS (em particular a segunda, em que assinou um comunicado comum bastante ambíguo, eclético e inquietante), facto tanto mais incompreensível na medida em que Krouchtchev aceitara, durante a crise de 1962, negociar a inspecção do território cubano pelo imperialismo norteamericano, mostrando com esse acto um desprezo total pela soberania cubana.

Entretanto, Fidel Castro recusara-se, ainda durante um certo tempo, a tomar posição aberta sobre as divergências do movimento comunista internacional, com o pretexto de que "a roupa suja lava-se em família", ao mesmo tempo que realmente, em actos, aceitava a linha oportunista e colaborava com todos os partidos comunistas latinoamericanos revisionistas. (Um dos casos é a ruptura brutal com o MIRC da Colombia que vós exemplares dum folheto importante: "Duas tendências na Revolução Colombiana" apreendidos e destruídos. Este folheto era um requisitório contra a política oportunista do Partido da Colombia).

Assim em Dezembro de 1964, uma delegação do Partido Unido da Revolução Socialista de Cuba (PURSC) participou nos trabalhos da Conferência dos 23 Parti-

dos Comunistas Latinoamericanos (revisionistas), realizada em Cuba. Nós resumiremos brevemente os principais temas debatidos nessa conferência para melhor apreciarmos a posição ambígua do governo cubano que se manifestava cada vez mais claramente no sentido do abandono das posições revolucionárias autênticas

a) Problema da solidariedade para com o povo cubano: exigir o restabelecimento das relações diplomáticas e comerciais com Cuba e a liberdade de comércio; organizar a luta contra o bloqueio económico; denunciar a agressão por parte da C.I.A. e dos contra-revolucionários cubanos.

b) Promover a criação dum movimento de solidariedade contra a repressão na América Latina; apoiar os que são vítimas da repressão na Guatemala, na Venezuela, na Colômbia, nas Honduras, em Haiti e no Paraguai.

c) Dar um impulso à luta anti-colonialista (Porto Rico e Guiana "britânica"); exigir a autonomia para as ilhas Martinica e Guadalupe, assim como para a Guiana "francesa"; lutar para a integração das ilhas Malvinas na Argentina.

d) Organizar à escala continental a solidariedade activa de todos os povos latinoamericanos, com o povo em luta da Venezuela.

e) Intensificar a solidariedade activa com a luta anti-imperialista do povo do Panamá.

f) Organizar uma vasta campanha pela libertação de dirigentes comunistas latinoamericanos.

g) Pela Unidade do Movimento Comunista Internacional na base das "Declarações de 1957 e 1960"; denuncia do perigo de cisão "que favorece o inimigo e a sua agressão"; exigir que a polémica pública cesse e pela resolução dos problemas em litígio no interior dos partidos e "por em evidência pontos comuns".

h) Condenação categórica de toda a actividade "cissionista", "qualquer que seja a sua natureza".

Como vemos, esta conferência condenou não só a actividade dos partidos marxistas-leninistas (com o pretexto de actividades "cissionistas" mas aprovou também a reunião dos Partidos Comunistas prevista para Março de 1965 (que teve efectivamente lugar). Por outro lado, a conferência dos 23 partidos comunistas latino americanos não se referiu sequer ao problema duma estratégia revolucionária para a luta armada contra o imperialismo norte-americano. Nem uma só palavra sobre as lutas armadas (Venezuela, Guatemala, Colômbia) em curso, nem sobre as importantíssimas lutas travadas pelos mineiros da Bolívia e pelos camponeses do Nordeste do Brasil. A conferência fez um silêncio total sobre os presos e dirigentes políticos de outras organizações revolucionárias nos momentos em que eram torturados e penavam em condições extremamente difíceis, como por exemplo no caso de FRANCISCO JULIAO, dirigente revolucionário das Ligas Camponesas do Brasil).

Esta conferência marcou de facto a ruptura efectiva com todas as organizações e movimentos autenticamente revolucionários e anti-imperialistas da América latina e do Mundo e a cessação de toda e qualquer ajuda a estes últimos.

3 meses mais tarde, em Março de 1965, numa carta dirigida ao director do jornal uruguaio "MARCHA", ERNESTO "CHE" GUEVARA (este célebre revolucionário desapareceu há mais de um ano. Não é, entretanto, a carta lida por Fidel Castro, escrita por Guevara, longos meses após um silêncio inquietante, que nos esclarece sobre a sua desapareição.) notava, o perigo do abandono do internacionalismo proletário da parte dos dirigentes cubanos. Ele diz no seu artigo "O socialismo e o Homem em Cuba" :

(continua na pág.)

mas é também uma necessidade revolucionária".(ib)

Devemos no entanto, dizer que esta viragem política é consequência das grandes dificuldades económicas do governo cubano (ausência dum plano centralizador, intensificação da monocultura, recusa do desenvolvimento do conjunto do sector industrial - Este desenvolvimento do sector industrial, proposto por "Che" Guevara, a longo prazo, desdobrava-se numa perspectiva internacionalista: a revolução na América Latina. Não é por acaso que, em Fevereiro de 1965 - Ano da Agricultura, certamente! - Fidel Castro dá uma caução pública às teses opostas às de Guevara assumindo a direcção do Instituto Nacional d Reforma Agrária-INRA - em substituição táctica de Carlos Rafael Rodriguez) que se vê cada vez mais impotente, totalmente dominado no plano económico pela URSS. Com efeito um acordo comercial foi assinado com a URSS no dia 16 de Fevereiro de 1965 (a dívida de Cuba, para com a URSS - que representa mais da terça parte do comercio exterior cubano - é de 337 milhões de dólares!), o que veio confirmar a submissão económica de Cuba em relação à URSS e a concentração dos esforços da nação na produção açucareira, isto é intensificar e alargar a monocultura. Não é pois, de admirar que, não tendo uma política económica correcta (que seria baseada fundamentalmente nos seus próprios recursos, nas suas próprias forças), o governo cubano se veja constrangido a submeter-se à chantagem política e militar da URSS.

ra, por outro lado, a construção do socialismo tem por objectivo principal a transformação do homem, de libertá-lo de todas as alienações, de toda a forma de opressão (A). Mas este processo

A-Marx diz na sua obra teórica "O Capital" que "o objectivo do proletariado foi sempre o de destruir as consequências desastrosas para ele, da lei natural da produção capitalista".

deve ser necessariamente acompanhado do desenvolvimento de novas estruturas económicas. Marx diz: "Ora ele (proletariado) não pode libertar-se a si próprio sem suprimir as suas próprias condições de vida" ("A Santa Família"). Por esta razão, é necessário destruir toda a mente as sequelas do passado capitalista - o que não aconteceu em Cuba. Vejamos o que nos diz E. Guevara no seu artigo pré citado:

"Corre-se então o risco de que as árvores escondam a floresta: prosseguindo a quimera de realizar o socialismo com a ajuda das armas podres que nos legou o capitalismo (a mercadoria considerada como unidade económica, a rentabilidade, o interesse material individual como estimulante, etc) arrisque-se a chegar a um beco sem saída". (ibid.)

Não é por conseguinte o conjunto dos problemas levantados por "Che" Guevara (que insistia pela promoção de "Conselhos Operários" no quadro duma planificação central) que vê a sua aplicação prática. Pelo contrário, são bem as teses "liberminianas" (ou "juguslavas") defendidas em outros por Carlos Rafael A. - (cont.)

Para o proletariado trata-se pois de destruir todo o sistema económico que o "aliena", de encontrar o Homem que no "proletariado se perdeu ele mesmo" ("A Santa Família"). Ora, para isso - como nós já dissemos - é preciso suprimir as suas próprias condições de vida. Marx diz na "Miséria da Filosofia" que, na sociedade capitalista, pela subordinação do homem à máquina: "... Os homens apagam-se diante do trabalho ... o pendulo do relógio tornou-se a medida exacta da actividade revlativa de dois operários, como da rapidez de 2 locomotivas. Então não se deve dizer que uma hora (de trabalho) de um homem vale uma hora de outro homem, mas, pelo contrário, que um homem dum hora vale um outro homem de uma hora. O tempo é tudo; o homem não é mais nada; ele é quando muito a carcassa do tempo". (Miséria da Filosofia" - Marx)

A questão é por conseguinte de destruir totalmente todo o mundo de produção, todo o sistema económico - e sua relações sociais de produção - que fazem do ho

Rodriguez, com base no lucro e na rentabilidade que triunfam.

Em Julho de 1965, o governo cubano convida os civis a entregarem as armas, procedendo desta maneira ao dsarmamento das milicias populares. Três meses mais tarde, em Outubro de 1965, Fidel Castro ao anunciar a tranformação do PURS em Partido Comunista Cubano (cuja criação coincide com o "afastamento" de Guevar. Devemos ver nisso uma condição preável ou uma sequência lógica?) afirma, dirigindo-se claramente aos dirigentes do Partido Comunista Chinês:

- "Nós nunca chamaremos cúmplices do imperialismo (os dirigentes comunistas soviéticos) os que nos ajudaram a esmagá-lo".

Outro acto inquietante foi a proposta feita aos Estados Unidos para simplificarem as "formalidades para a saída" (de Cuba) dos contra-revolucionários cubanos. Isto leva-nos a perguntar: sobre quem será então aplicada a ditadura do proletariado? (A parte o facto de que, como muito bem notou o camarada GRIPPA do Partido Comunista da Bélgica, de que estes contra-revolucionários vão engrossar as fileiras dos agentes do imperialismo US, que partem para as guerras de agressão contra os povos do Vietname e do Congo, e que constituem para o próprio povo cubano uma ameaça permanente). A liberdade dada aos contra-revolucionários cubanos de partirem para os Estados Unidos deixa claramente entrever que os operários e o povo em geral, se verão privados da sua democracia, a democracia socialista, para se encon -

A- (cont.)

"uma carcassa do temp". Isto será obra da revolução proletária que permitirá a construção da sociedade comunista onde o homem passará do "reino da necessidade ao reino da liberdade" (Marx) - e livre de alienações.

traram (privados da possibilidade de intervenção e de controle da vida política com o desarmamento das milícias populares) face a um outro tipo de ditadura ... do proletariado! Não é verdade que a ditadura do proletariado é para esmagar e reprimir impiedosamente os antigos exploradores e os inimigos da classe operária e dos camponeses pobres? (2)

Enfim, durante o discurso pronunciado na manifestação do 2 de Janeiro de 1966, na véspera da abertura da Conferência Tricontinental, F. Castro evoca falaciosamente o "problema do arroz e do comércio com a China", dizendo que "vamos ter dificuldades este ano" por causa da China. Lançava desta maneira as responsabilidades económicas sobre os ombros da R.P. da China, deformando os factos, com o intuito de enganar o povo revolucionário de Cuba para justificar a sua cumplicidade nas manobras revisionistas contra a China Popular.

Finalmente no dia 7 de Fevereiro último, F. Castro lançou um ataque verbal particularmente violento, de insultos e de calúnias, contra a R.P. da China acusando-a de "subversão" contra o Estado Cubano, de exercer a "chantagem", a "extorção, a pressão, o estrangulamento, assim como os piores métodos de pirataria, de opressão e de actos de filibusteiros".

(2) - "O Estado não sendo senão uma instituição temporária, que somos obrigados a utilizar na luta, na Revolução, para reprimir pela força os seus adversários, é perfeitamente absurdo falar de um Estado Popular Livre: enquanto que o proletariado tenha ainda necessidade do Estado, não é para a liberdade, mas para reprimir os seus adversários. E no dia em seja possível falar de liberdade, o Estado deixa de existir como tal

(F. ENGELS: "Carta a A. Bebel).

A- (cont.)

Durante muito tempo, Fidel Castro recusara-se a tomar partido na polémica que opunha Guevara e os seus adversários, no que diz respeito a problemas económicos importantes (Planificação centralizada, estimul-

Da mesma maneira, Fidel Castro, no seu crepúsculo de revolucionário quis também (em vez de transformar radicalmente as relações sociais de produção - única forma de criar novas relações de produção radicalmente diferentes-3) pintar a revolução democrática burguesa (antiimperialista, certamente! mas só até determinado ponto...) e m a s e r e s do socialismo. Isto é, quis curar o abcesso não pelo método radical (enveredar decididamente pelo caminho da revolução socialista, construir um partido do proletariado, marxista-leninista, e libertar-se da chantagem económica da URSS, afastar-se definitivamente da órbita da "coexistência pacífica" entre americanos e soviéticos e apoiar-se na revolução mundial) (4), arrancan

(A) - Cont. - lantes materiais individuais, noção de rentabilidade e lucro, lei do valor, etc.). Não permitindo que esta discussão interna ao partido fosse levada ao conhecimento das massas (de maneira não burocrática), Fidel Castro tomou uma decisão de árbitro e decidiu fazer de Cuba um laboratório: no domínio da agricultura seriam aplicadas as teses "liberminianas" ou "jugustavas" e na indústria as teses de Guevara!

Este facto mostra claramente o empirismo grosseiro, a ausência de uma política económica baseada numa teoria revolucionária, das "concepções" de Fidel Castro sobre o desenvolvimento económico dum país que quer construir uma sociedade socialista

(3) - "Todas as classes anteriores que conquistaram o poder procuravam assegurar a situação que elas tinham já adquirido. Os proletários não podem apoderar-se das forças productivas sociais senão suprimindo o modo de apropriação que era o seu até aqui, e, por conseguinte, todo o antigo modo de apropriação" - ("Manifesto Comunista" - MARX-ENGELS)

(4) - Em realidade em Cuba não existia, e mo afirmou "Che" Guevara em declarações feitas em Argel, um partido e muito menos um partido comunista revolucionário. Quando começou a luta armada contra a ditadura de Batista, o Partido Socialista Popular renunciara à sua missão histórica de conduzir as massas operárias e camponesas ao poder político pela violência revolucionária. Por esta razão, a luta armada foi dirigida pela pequena-burguesia

do-o pela raiz, mas procurando escondê-lo sob o véu da mistificação, escondendo assim uma realidade doente sob uma aparência sã e procurando impor a aparência como sendo a própria realidade. É por esta razão que Fidel Castro quis lançar as responsabilidades dos seus fracassos internos sobre a R.P. da China. Os seus ataques contra a China. Os seus ataques contra a China serviriam de provas de "boa vontade" aos Estados Unidos, com quem, por razões de ordem económica, Castro procura aproximar-se.

Mas toda a mistificação contém nela os germes da sua própria destruição, toda a mistificação tem um fim, e o fim da mistificação castrista é bem triste - ela já não se deixa "rejuvenescer", já irremediavelmente ao reino das trevas, da noite, como a "coruja de minerva". A Revolução Cubana deixou de ser um exemplo para os povos do mundo. (Evidentemente, nós não excluimos a possibilidade - se bem que longínqua - de ver Castro, num sobressalto de honra revolucionária, rejeitar todo o seu oportunismo.

(4) - (Cont.) - Radical (reagrupada do "Movimento - 26 de Julho") cuja visão política não ia mais além da revolução democrática nacional. Uma vez tomado, sob a pressão dos elementos contrarrevolucionários e do imperialismo norte-americano, a direcção pequeno-burguesa (que contava também alguns elementos revolucionários, como Guevara) pode realizar as tarefas duma revolução democrática anti-imperialista (reforma agrária - liquidação do latifúndio, mas conservação dos camponeses ricos -; nacionalização dos meios de produção nas mãos dos monopólios americanos e da grande burguesia pró-imperialista; alfabetização, reforma democrática da instrução pública, novo aparelho de Estado, etc.). Depois da agressão imperialista de Playa Girón, as ORI, (Organizações Revolucionárias Integradas) transformaram-se no PURS, partido onde passaram a coexistir elementos marxistas (minoritários), uma maioria de elementos pequeno-burgueses dum revolucionarismo sem princípios definidos e de revisionistas sem escrúpulos do antigo PSP. Se bem que Fidel de Castro tenha proclamado o cará-

cter "marxista-leninista" do PURS, as suas posições nunca ultrapassaram, um revolucionarismo antiimperialista. Sem uma direcção proletária de vanguarda, a revolução cede, no limiar da sua transformação em revolução socialista, à política económica e militar da URSS em relação a Cuba. Esta chantagem obriga, gradualmente, os dirigentes cubanos a abandonarem as posições revolucionárias, a adoptarem uma linha anti-marxista, a apoiarem as manobras tendentes a liquidar e travar a luta anti-imperialista na América Latina e a retirar toda a ajuda aos partidos e movimentos autenticamente revolucionários. Ao mesmo tempo, Fidel Castro reforçava a sua colaboração com o oportunismo social-democrata e com os revisionistas latino-americanos. O internacionalismo proletário tornou-se para os dirigentes cubanos num fetiche destinado a enganar o povo revolucionário de todo o mundo.

Curso de preparação politica na Repúb. Popular da Albania

Seguiram ultimamente para a República Popular da Albânia, dois camaradas operários do Comité Marxista-Leninista Português, onde foram seguir um curso especial de preparação teórica e prática e trocar impressões com os camaradas albaneses acerca de assuntos respeitantes à luta revolucionária no nosso país e à situação do movimento comunista mundial.

Foi dissolvido o sector de Bruxelas da FAP

Foi dissolvido o sector de Bruxelas da FAP, por indefinição e inconsistência organica, por recusar a direcção e o controle feito pelo Secretariado do C.M.L.P.. Esta situação foi agravada pela forma conflituosa com que os camaradas da Bélgica desenvolveram a partir de certa altura as suas relações com a direcção.

Trata-se da dissolução de um organismo, os militantes atingidos por este acto poderão pedir a sua admissão ao C.M.L.P. ou à FAP. Cada caso será apreciado individualmente

Secretariado do Comité Marxista-Leninista Port.

continuação da página 2
sumia uma destacada posição dirigente, faziam supor que este militante cumpriria até ao fim os seus deveres e saberia, mesmo perdendo a liberdade e a vida, honrar o glorioso nome de comunista.

Assim não sucedeu. Dando provas de uma fraqueza inadmissível em qualquer antifascista e extremamente grave quando se atenta nas suas extremas responsabilidades perante a classe operária portuguesa e o movimento comunista internacional, Francisco Martins traiu os mais elementares deveres de comunista denunciando camaradas, contribuindo para o desmantelamento da FAP, vibrando um golpe fundo na confiança dos militantes acentuando a desmoralização da classe operária, já tão abalada por tantos erros e traições.

O Comité Marxista-Leninista não aceita qualquer atenuante para o comportamento de Francisco Martins e considera que a sua traição é das piores do movimento operário português, pois a tarefa de reconstituição do Partido Comunista (marxista-leninista) e do desencadeamento da luta armada, os problemas da conquista do poder e da ditadura do proletariado, exigem um comportamento exemplar, mesmo perante as piores torturas, sejam elas quais forem.

Assim, consciente das consequências que este golpe terá sobre a classe operária, o Secretariado do CMLP entende não ocultar aos seus militantes nem ao povo português a verdade sobre este caso, cuja extensão ainda não está inteiramente averiguada, mas que, perante os conhecimentos que já se possuem, atinge proporções graves.

Decidiu portanto o Secretariado do CMLP:

- a) a expulsão imediata do CM P de Francisco Martins e de todos os militantes que não tenham tido um comportamento irrepreensível perante o inimigo.
- b) recusar qualquer explicação subjectifista e pequeno-burguesa que tenda a diminuir a gravidade do caso.
- c) julgar Francisco Martins com toda a severidade.

O Secretariado do CMLP

veis atrocidades americano-franquistas.

A feroz perseguição desencadeada por Franco e seus patrões americanos contra o nosso Partido durante os 17 meses decorridos desde a reconstituição do mesmo constitui uma prova de que o Partido Comunista de Espanha (marxista-leninista) é o combatente de vanguarda na luta nacional e internacional pela salvação da pátria, o partido que de forma mais clara e consequente tem denunciado o imperialismo americano como o inimigo principal do nosso povo e o general Franco como um mero fantoche nas mãos dos multimilionários norteamericanos.

Esta perseguição aumentou nos últimos meses. O regime americano-franquista atravessa, com efeito, um período de endurecimento e não, como pretende a propaganda mentirosa de Fraga Iribarne e seus cúmplices revisionistas, um período de "liberalização". Em Espanha, como nos demais países dominados pelo imperialismo americano, existe uma agudização da repressão e o terror contra os democratas e os patriotas.

Durante os últimos meses o nosso Partido sofreu toda uma série de ataques caluniosos e injúrias de todos os tipos. Sempre considerámos que não devíamos desperdiçar as nossas forças refutando tais calúnias vis. Por outro lado por virem donde vinham - revisionistas, trotskistas, oportunistas sem princípios - os seus insultos não penetraram nas fileiras do Partido. Se hoje falamos disto é porque precisamente um dos camaradas contra quem mais graves injúrias foram lançadas era o camarada Paulino Garcia Moya, que a maledicência dos nossos inimigos havia coberto dos mais abjectos ataques: ser "agente da polícia", "provocador a soldo da CIA", etc. A resposta está aí: o seu indomável fervor revolucionário não cedeu ante as torturas a que foi submetido. Da sua boca não saiu uma única palavra que pudesse comprometer o Partido, algum camarada ou algum outro patriota.

O Partido Comunista de Espanha, marxista-leninista, envia uma comovida saudação aos camaradas encarcerados e apela para uma mobilização nacional a favor da salvação de Paulino Garcia Moya e dos seus companheiros de prisão.

Madrid, 1 de Maio de 1966

Comité Executivo do P. C. de E. (m-1).

continuação da pág. 56

contra-se referida nos considerandos da resolução sobre questões de organização. Nesta causa fundamental reside a depuração do Partido operário dos elementos intelectuais e pequeno-burgueses vacilantes, que aderiram ao movimento operário, principalmente, com a esperança de um próximo triunfo da revolução democrático-burguesa e que não conseguiram manter-se firmes no período da reacção. A instabilidade manifestou-se no terreno da teoria ("afastamento do marxismo revolucionário": resolução sobre o momento actual), e no terreno da política de organização do Partido. Os operários conscientes replicaram a esta instabilidade, actuaram decididamente contra o liquidacionismo e tomaram em suas mãos os problemas das organizações do Partido e das suas direcções. Se este núcleo básico não pode opor-se imediatamente aos elementos confusionistas e à crise, isso foi devido não só a ser grande e difícil a tarefa, dado o triunfo da contrarrevolução, mas também a ter-se manifestado uma certa indeferença, perante o Partido, de operários de espírito revolucionário, mas sem a suficiente consciência socialista. As resoluções da Conferência dirigem-se cabalmente, em primeiro lugar, aos operários conscientes da Rússia, como critério bem determinado da socialdemocracia em relação aos meios de luta contra a confusão e as vacilações.

Análise marxista das actuais reacções entre as classes e da nova politica do czarismo; indicação do objectivo imediato da luta, que continua a ser o que foi marcado pelo nosso Partido; apreciação dos ensinamentos da revolução no problema de uma justa táctica socialdemocrata revolucionária; explicação das causas da crise do Partido e indicação do papel do elemento proletário do Partido na luta contra a referida crise; solução do problema referente à correlação entre a organização clandestina e a organização legal; reconhecimento da necessidade de utilizar a tribuna da Duma e elaboração de indicações precisas para a nossa minoria da Duma em relação com a crítica directa dos erros desta: tal é o conteúdo principal das decisões da Conferência, que determinam o firme caminho a percorrer pelo Partido.

Lenine "A Caminho", 28 de Janeiro de 1909

DECLARAÇÃO DO COMITÊ EXECUTIVO DO PARTIDO COMUNISTA DE ESPANHA (M.-L)

A Brigada Político Social, às ordens do imperialismo americano e do seu homem de palha Francisco Franco, deteve em Madrid, no passado dia 3 de Abril, o nosso camarada Paulino GARCIA MOYA, veterano lutador revolucionário, que combateu nas fileiras do Exército Popular durante a nossa guerra de Resistência contra o fascismo e que, posteriormente, foi preso e torturado pela polícia do regime em 1945 e em 1953, passando vários anos encerrado nas masmorras da ditadura. Paulino Garcia Moya é um camarada que goza, merecidamente, de um alto prestígio entre as forças patrióticas espanholas assim como do carinho e respeito profundo de todos os seus camaradas. Disso o torna credor a sua rectidão e a sua integridade, o seu carácter bolchevique, a sua inquebrantável firmeza na defesa dos interesses da classe operária e do povo, a sua entrega total e sem reservas à causa da luta pela independência e pela soberania nacionais e contra o domínio americano no nosso país.

Juntamente com o camarada Paulino foram detidos pela Brigada Político Social americano-franquista outros vários militantes e simpatizantes do nosso Partido, juntamente com outras pessoas filiadas unicamente em organizações patrióticas de massas.

Os cães raivosos da polícia americano-franquista revelaram uma sanha e uma fúria ináuditas contra estes valerosos espanhóis que defenderam o seu amor pela pátria, ao ponto de serem encarcerados e selvaticamente torturados (alguns deles durante semanas inteiras) e correndo o risco, inclusivamente, de perderem a vida.

A ditadura americano-franquista, que durante 18 dias manteve em rigoroso segredo estas criminosas detenções, prepara-se agora para condenar a longos anos de prisão o camarada Paulino Garcia Moya, depois de haver assassinado o camarada José Delgado e de ter condenado a mais de doze anos de reclusão o camarada José Pezer Miranda. É preciso que todas as forças nacionais de Espanha e as pessoas e organizações democráticas de todo o mundo se mobilizem numa vasta campanha de protesto contra as abomina-

LENINE - A CAMINHO

Fica para trás um ano de descalabro, de confusão ideológica e política, um ano de desorientação do Partido. Todas as organizações do Partido viram reduzidos os seus efectivos e algumas, precisamente as que contavam com um número mais reduzido de operários, vieram-se abaixo. As organizações semilegais do Partido criadas pe a revolução sofreram golpe sobre golpe. As coisas chegaram a um ponto tal que alguns elementos do Partido, influenciados pelo ambiente de desagregação, começaram a perguntar-se se seria necessário conservar o partido social-democrata tal como existia antes, se seria preciso continuar a sua obra, se seria preciso ir de novo para a clandestinidade e como fazê-lo. Os elementos da ala da extrema direita responderam no sentido da legalização a todo o custo, mesmo à custa da renúncia aberta ao programa, à tática e à organização do Partido (A chamada corrente liquidacionista). Indubitavelmente, não houve apenas uma crise no terreno da organização, mas sim também uma crise ideológica e política.

A recente Conferência do P.O.S.D.R. marca o caminho do Partido e, pelo visto, representa uma viragem no desenvolvimento do movimento operário russo depois da vitória da contrarrevolução. As decisões da Conferência, publicadas no "Comunicado" do Comité Central do nosso Partido, foram confirmadas pe o C.C. e são por conseguinte, decisões de todo o Partido até ao Congresso seguinte. Nestas decisões deu-se uma resposta plenamente definida à questão relativa às causas e ao significado da crise, assim como aos meios de sair dela. Trabalhando de acordo com as resoluções da Conferência e conseguindo que todos os quadros do Partido compreendam de maneira clara e p ena as tarefas actuais do Partido, as nossas organizações saberão vigorizar e tornar cocasas as suas forças para desenvolverem uma actividade revolucionária socialdemocrata bem coordenada e ágil.

A causa fundamental da crise do Partido en -

(c t. 4 p. 51)